

**BELLOTO, Sonia. *Como Escrever um Livro... e Conseguir que um Editor o Publique*. Lisboa: Texto Editores, 2005. 112 pp.**

Pode aprender-se a andar de bicicleta apenas olhando para um ciclista? Certamente que não. Será que a leitura de obras literárias de qualidade reputada é suficiente para um escritor aprender o seu ofício? Duvido. Cientes desse facto, ao longo dos séculos, os homens e mulheres de letras reuniram-se em tertúlias, cafés, academias ou clubes, e trocaram críticas e conselhos sobre como redigir melhor. A Escrita Criativa, como reflexão sobre os métodos e técnicas para elaborar um texto literário (conto, novela, romance, poema, texto dramático, etc.) terá principiado nessa troca de ideias, e só bem mais tarde, no século XIX, na Universidade de Harvard, se constituiu como uma disciplina formal.

No nosso país, são cada vez mais as instituições de ensino (públicas ou privadas), bem como as bibliotecas, clubes ou livrarias que oferecem cursos de Escrita Criativa, generalistas ou dedicados especificamente a uma área (o romance ou o guião, por exemplo). Paralelamente, surgem no mercado diversos manuais sobre este tema, saídos da pena de autores portugueses ou estrangeiros, que acompanham essa actividade crescente. Na sua maioria, centram-se apenas nos exercícios, ignorando ou esquecendo toda a parte teórica, imprescindível, como se a EC se resumisse à prática. Não é, felizmente, o caso de *Como Escrever um Livro... e Conseguir que um Editor o Publique*, da escritora brasileira Sonia Belloto.

A contracapa deste livro exalta a autora como “uma das mais activas e criadoras editoras da nova geração, cujo trabalho está a mudar os conceitos de produção de livros um pouco por todo o mundo”. Há aqui, certamente, um exagero: já passaram pelas minhas mãos obras sobre Escrita Criativa mais profundas, abrangentes e sistemáticas, redigidas por mestres como Sol Stein, David Lodge, Julia Bell ou Paul Magrs. O que torna, então, o livro de Belloto diferente, para que me debruce sobre ele numa recensão? Em primeiro lugar, esta obra é escrita em Português, e está perfeitamente adaptada à realidade literária e cultural inerente à lusofonia. Para além disso, trata-se de um manual concebido para escritores aprendizes, apostando no nível básico dos conselhos e técnicas; singeleza de exemplos; e até brevidade da extensão (pouco mais de uma centena de páginas).

Um adolescente com talento, força de vontade, disciplina, e ambição de se tornar num escritor, encontrará neste livro um presente útil e didacticamente valioso. É certo que a obra de Belloto apenas se concentra na narrativa (e, dentro desta, no conto ou novela), deixando de lado toda a mecânica complexa inerente à poesia, e a técnica relativa ao guionismo.

No entanto, constitui uma válida introdução à arte da escrita, que foca, capítulo a capítulo, aspectos como a recolha de ideias; a construção de personagens e de diálogo; a estruturação do enredo; os bastidores e o futuro do mercado editorial, etc. São saberes essenciais, a dominar por qualquer jovem escritor, e que podem ser lidos com gosto e proveito pelos adultos que se queiram inteirar desta área — para redigir melhor ou, simplesmente, para melhorar a sua competência interpretativa.

A experiência vivencial de Belloto revela-se preciosa e transparece nos conselhos que transmite; a pesquisa foi aturada, mas não se torna maçuda, como sucede com tantos outros manuais de EC (que se esquecem de ser criativos); os exemplos, escrupulosamente seleccionados pela clareza, provêm de textos tão diversos quanto *As Obras Completas*, de Jorge Luis Borges, *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, ou *O Falcão de Malta*, de Dashiell Hammett. Trata-se de uma jornada pelo mundo da escrita, que Belloto, num tom algo cândido, mas gostosamente coloquial, nos convida a empreender:

A princípio, escrever e publicar um livro pareceu-me uma viagem assustadora, mas descobri ser uma arte mágica. Colocando sinais gráficos no papel, podemos fazer com que as nossas ideias superem os limites do espaço e do tempo, tornando-se imortais. As palavras podem ferir ou curar. E o poder de curar é o seu aspecto mais poderoso. Escrever é criar novos mundos e compartilhá-los. E, ao fazê-lo, passamos a compreender melhor o universo e nós mesmos. Já pensou em escrever um livro? Se a sua resposta for sim, então chegou a hora. Venha comigo. Através deste livro, serei a sua guia nesta maravilhosa viagem (pág. 13).

João de Mancelos